AS RELIQUIAS

DO

PADRE ANCHIETA

COMMUNICAÇÃO APRESENTADA AO INSTITUTO HISTORICO DA BAHIA.

Em junho do corrente anno fui distinguido pelo illustre jornalista carioca Lindolpho Azevedo, actualmente na Bahia em commissão do governo federal, com a incumbencia de depositar uma coroa no tumulo do padre José de Anchieta. Era, dizia-me elle, um «singelo e affectuoso preito que a directoria do Serviço de Protecção aos Indios entendeu dever prestar, quando foi creado este, ao grande evangelizador dos selvagens brazileiros». Na mesma carta com que se dignou fazer-me a entrega da dita coroa, indicava-me Lindolpho Azevedo que, no caso de ter desapparecido ou não ser conhecido o «local exacto» onde jazem os restos do venerando jesuita, fosse ella guardada no Instituto Historico da Bahia, «como o testemunho de uma sincera intenção cultural dos que hoje, na esphera civil, pretendem continuar a obra a que tão ardentemente se dedicou o inolvidavel apostolo».

Fazendo por corresponder do melhor modo possivel aos desejos do distincto confrade e amigo, empenhei nas investigações necessarias, em falta de outros recursos imprescindiveis a quem explora o passado,

toda a minha boa vontade e a escassa noticia que pude até hoje lograr dos factos e vultos da nossa historia.

Logo ás primeiras diligencias veiu-me ao encontro o interessante jornal *A Tarde* (numero de 10 de julho, que, em uma nota ao de leve humoristica, me fez a seguinte advertencia:

«Tem, portanto, o Sr. Xavier Marques de emprehender uma viagem aos dominios do Sr. conde Jeronymo, ao sul do Espirito Santo. O grande jesuita fundou as povoações de Guarapary e Reritiba, e falleceu nesta ultima, que hoje se chama Anchieta, *sendo ahi sepultado*».

Fôra para desorientar o inesperto investigador, se uma presumpção colhida em leituras anteriores e tambem formulada na missiva de Lindolpho Azevedo não me houvesse antecipado, com algum fundamento, a possibilidade de executar-se aqui mesmo o mandato. Nos termos da citada carta, expedida de Cannavieiras, cumpria-me, antes de qualquer resolução, tentar o paradeiro dos despojos de Anchieta, cujo tumulo «se acredita existir em um dos velhos templos dessa capital».

Essa presumpção, effectivamente, é autorizada por mais de uma, se não por todas as biographias do grande catechista. Aliás, aos simples literatos, como o autor destas linhas, não seria desairoso ignorar minudencias que podem escapar até a especialistas em estudos historicos.

A figura de Anchieta interessa-nos a principio pelas attinencias do seu formoso espirito com a literatura brasileira. Antes de nelle considerar o homem de devoção e o homem de acção, attrae-nos o cultor das letras, aquelle que sem cuido nem vaidade de escripturas e glorias profanas, só escrevendo «afim de evitar abusos e entretenimentos menos honestos», ainda assim abriu nas selvas brazileiras, no proprio seculo do Descobrimento, a via luminosa da cultura literaria. Seja elle, ao que entende Mello Moraes Filho, «o poeta brazileiro do seculo XVI» cuja obra tem jús a servir de prefacio á poesia nacional, ou seja simplesmente, como

pensa Sylvio Romero, «o mais antigo vulto da nossa historia literaria», o certo é que o autor do *Pelote domingueiro* e do mysterio de *Jesus* constitue um phenomeno dos mais interessantes naquelle cháos social que foi o Brazil do seculo 1500, theatro de bandorias de piratagens e guerras, no atropelo de uma vida bravia, crassamente material.

Mello Moraes Filho, primeiro que todos, collocou dignamente o Orpheu de Piratininga á melhor luz da historia e da critica, publicando muitos dos seus canticos e autos. Antes delle e de S. Romero, apenas Varnhagen alludira vagamente ao impulso inicial dado á poesia e ao theatro pelos missionarios jesuitas; Pereira da Silva e Wolf consignaram, apontando Anchieta, que a elles devemos os primeiros germens de uma literatura. Anchieta, o maior desses precursores, versando em latim, portuguez, castelhano e tupy as musas mysticas do Evangelho, havia de causar vivida impressão na futura sociedade intellectual do paiz.

Mas, como é natural, a obra poetica do jesuita acabaria por espertar-nos a curiosidade pela sua vida. Eis-nos, emfim, no trato dos seus biographos. Os livros dos dois preclaros escriptores, de Mello Moraes, o tradicionalista, e de Sylvio Romero, o historiador literario, são, por sua natureza, muito parcos em materia biographica. Remettem-nos ás fontes mais ou menos conhecidas de todos nós.

Destas, uma das principaes é a *Vida do veneravel padre Joseph de Anchieta,* escripta por Simão de Vasconcellos e seguida, entre outros, por Teixeira de Mello, no resumo que fez preceder á publicação das cartas do «irmão Joseph». Este ultimo trabalho, inserto nos Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro (vol. I, 1876), informa-nos, quanto á morte e inhumação do padre, ter elle fallecido na «aldeia de Reritigbá, hoje Benevente», a 9 de julho de 1597, aos 64 annos de idade, depois de 44 de residencia no Brazil. No particular que mais importa para a nossa elucidação, diz o seguinte: «Seu corpo foi conduzido por mais de cem

indios, que elle tanto amara e que o adoravam tambem a elle, para a então villa da Victoria, distante 18 leguas, onde foi depositado na capela de S. Thiago, ao lado da sepultura do seu amigo o padre Gregorio Serrão». Accrescenta, citando: «Dois dias depois de enterrado, sendo exhumado para satisfazerem-se aos desejos dos habitantes, notou-se que o cadaver não apresentasse o menor signal de corrupção. Volvidos alguns annos, foram transportados os seus restos para o collegio da Bahia».

E' o que se lê tambem na *Selecta Brasiliense*, de J. M. P. de Vasconcellos. A data dessa trasladação, 1611, vem consignada em nota colhida em Simão de Vasconcellos.

Desde ahi se vê que não errou a directoria do Serviço de Protecção aos Indios procurando na Bahia o paradeiro dos restos mortaes de Anchieta, nem errou o signatario deste escripto aceitando das mãos do actual inspector do Serviço o encargo de fazer effectiva a sua homenagem.

Outra das mais antigas biographias de Anchieta é a que escreveu o padre jesuita Antonio Franco—*Vida do admiravel padre José de Anchieta, Thaumaturgo do Novo Mundo*, reeditada em 1898, no Rio de Janeiro. Salvo o nome da aldeia, ahi denominada Beritigba, emquanto outros o nomeiam Reritigbá e Reritiba, concorda o autor com as circumstancias de logar, anno, mez e dia em que occorreu o fallecimento do missionario. «Resolvendo os padres que fosse a enterrar á villa do Espirito Santo, os Indios determinaram de o acompanhar até lá, e o fizeram, se os padres o não impediram. Quando partiram, se formou procissão com pompa funeral. Ia diante Cruz alçada, seguiam-n'a o padre João Fernandes, com alva e estola, e grande multidão de Indios dispostos em ordem e em canto funebre». Chegados á villa, notaram que o corpo «andando ao sol e sereno dois dias, estava incorrupto e sem algum ruim cheiro». Deram-lhe sepultura «na capela de S. Thiago, junto á sepultura de seu amigo pa-

dre Gregorio Serrão». Finalmente, dispõe Antonio Franco: «As reliquias deste Santo Padre foram em parte trasladadas para o Collegio da Bahia, no anno de 1611, por mandado do padre geral Claudio Aquaviva, e collocadas decentemente no lado do altar maior da nossa igreja. Ali eram visitadas e veneradas de toda a Cidade, até que, promulgado o Decreto de Urbano VIII, que chamam de *Non Cultu*, foram tiradas daquelle logar e postas em outro. Dellas foi uma para Roma, onde se guarda».

Com este biographo já avançamos consideravelmente na dilucidação do problema. Ficamos sabendo, não só que uma parte dos despojos de Anchieta veiu ter ao Collegio desta capital, mas ainda que na respectiva igreja estiveram expostos á visita e veneração do povo. Sabemos ter sido enviada para Roma *uma* dessas reliquias e, por deducção, a época em que as restantes foram retiradas do lado do altar-mór da igreja para outro logar.

Convindo, entretanto, verificar em autor contemporaneo, dos nossos dias, se occorreu qualquer circumstancia posterior aos factos narrados por Simão de Vasconcellos e Antonio Franco, Teixeira de Mello e outros, vali-me da conferencia que fez em S. Paulo o Dr. Brazilio Machado (*Joseph de Anchieta. Traços de sua vida)* em 1896, mezes antes de celebrar-se ali o tricentenario do insigne catechista. Eis o que diz o erudito orador e historiographo: «Por entre uma consternação indescriptivel, e durante tres dias de viagem, seu corpo incorrupto foi conduzido aos hombros dos indios da aldeia Reritigbá para o Collegio do Espirito Santo, onde ficou sepultado, até que em 1611 foi transportado para a Bahia. Mais tarde para Roma foram levadas algumas reliquias».

Em nada, pois, se modificara a situação descripta pelas antigas testemunhas.

Ficava-me tão sómente a duvida sobre a parte dos despojos que, segundo o padre Franco, fôra deixada na capela de S. Thiago da Victoria. Afim de esclare-

cer-me neste ponto, resolvi escrever para aquella capital a um amigo ali residente, o Dr. João Lordello dos Santos Souza, illustrado medico bahiano, actualmente director do Serviço Sanitario do Estado. Pedi-lhe a tradição em voga no Espirito Santo e noticia de qualquer documento lá existente ácerca do assumpto. Em resposta, o Dr. Lordello dirigiu-me extensa carta, datada de 10 de agosto, da qual passo a transcrever os seguintes interessantes topicos:

«Prazerosamente, após a leitura de sua prezada missiva, fui em busca do jazigo do padre Anchieta, de accordo com as informações que me deu. A capela de S. Thiago, que fica junto do palacio do governo, está sendo demolida, por ter sido desapropriada para a creação de um estabelecimento—Museu do Estado. Indagando, soube que havia uma lapide em frente ao altarmór, onde consta ter sido inhumado o padre José de Anchieta. Mandei proceder a uma pequena escavação. Sob os escombros da demolição, de facto, encontrei a referida lapide com os seguintes dizeres, textuaes: «Hic jacuit venerab. P. Josephus de Anchieta Soc. Brasiliæ Apost. et novi orbis novus Thaumaturg. Obiit Reritibæ die IX Jun. Ann. MDXCVII». Não existe, porém, a sepultura do padre Gregorio Serrão.

Pela inscripção, verifica-se que ahi fôra sepultado o padre José de Anchieta, visto dizer *jacuit*, e pelos documentos existentes na Bibliotheca Publica do Estado constar que, effectivamente, os ossos foram, em 1611, trasladados para o Collegio dos Jesuitas na Bahia. No entanto, ainda existe um *femur* que esteve muito tempo guardado na Thesouraria de Fazenda e pertencente ao esqueleto do bemaventurado extincto. Quanto ao segundo quesito, tenho a declarar a existencia do femur, tendo eu tambem encontrado falsas costelas e outros ossos (vertebras, etc.) na sepultura sobre a qual estava a lapide, não sabendo se de facto pertencem a Anchieta. Não existem documentos que provem

a existencia dos despojos nesta cidade, tendo tido informações fidedignas, sobre o femur, de um respeitavel serventuario federal.

Tive occasião de visitar a capella de Reritiba, hoje Anchieta, edificada pelo mesmo, e que ainda existe, bem como a cella. Fica no alto de um pequeno morro, de onde se descortina o alto mar. Alguns objectos, como o breviario e a cadeira, estão, segundo soube, em poder de um pratico de pharmacia, Alvaro Rocha. O possuidor dos objectos supra referidos tirou-os da capela, segundo me informaram, sem licença. Creio que seria conveniente adquiril-os... Dentro em breve deverá chegar á capital o Exmo. Sr. bispo diocesano, e fica a meu cuidado pedir-lhe a trasladação da lapide e do conteudo da sepultura para outra igreja. Dar-lhe-hei disto informação circumstanciada».

De passagem devo assignalar uma divergencia epigraphica entre a cópia que me fornece o Dr. Lordello e a que encontro na conferencia do Dr. Brazilio Machado, reproduzida de um trabalho de J. M. Pereira de Vasconcellos publicado em 1858. Na mesma lousa onde leu um *Hic jacuit*, lera outro *Hic jacet.* Jazeu ou jaz, como quer que seja, a inscripção não importa ao facto da trasladação por todos affirmado.

Antes mesmo de receber as informações da capital espiritosantense, dirigi-me, nos primeiros dias de julho, á igreja do Collegio, a entender-me com o seu devotado e zeloso capelão monsenhor Flaviano Ozorio. Exposto o fim da minha visita, respondeu-me S. Revma. que nenhum documento conhecia e nenhum traço havia na cathedral que indicasse a existencia, nesse templo, dos despojos de Anchieta. Chegámos até a fazer ligeiras explorações, sem resultado. Outras, mais vagarosas e pacientes, se haviam effectuado com diversos fins, até na crypta da igreja e em nenhuma se deparara aos investigadores o que quer que fosse concernente ao antigo Provincial da ordem na Bahia. O que delle ainda se vê é o retrato, na galeria que occupa o forro do consistorio. Dias depois, no paço archi-episco-

pal, tornei á questão com o digno sacerdote, confirmando elle, a seu pesar, o desengano que me havia dado.

Ao cabo dessas diligencias e fundado no testemunho combinado dos autores e informantes cujos excerptos e noticias ahi ficam, cheguei ás seguintes conclusões: *a*) a sepultura de Anchieta, primitivamente na villa da Victoria, hoje capital do Espirito Santo, não ficara sendo o jazigo perpetuo dos seus despojos; *b*) destes despojos, só uma pequena parte permaneceu na capela de S. Thiago, daquella villa; *c*) a igreja do Collegio da Bahia, cathedral desde 1765, tornou-se, a partir do trigesimo quarto anno do fallecimento de Anchieta, o deposito de suas reliquias; *d*) transportadas para Roma algumas destas, continuou o Collegio da Bahia a guardar as demais, mudadas apenas de um logar para outro no mesmo templo.

Qual seria, porém, esse *outro* logar a que assim tão vivamente se referiu um dos biographos do jesuita? Será possivel que d'ali se hajam dispersado como poeira ao vento os restos de um «homem de Deus», de quem escrevia o mesmo padre Franco: «Suas coisas são tidas em grande estimação, como as dos santos mais abalizados»? E' admissivel que á sombra do primeiro collegio da Ordem não ficassem assignaladas nem garantidas as reliquias de um dos seus maiores e mais benemeritos irmãos? Seriam ellas, pelo tempo adiante, enviadas tambem para Roma? Ou estarão em algum recesso ainda por explorar? Ou teriam participado da profanação que soffreram os santuarios da Bahia, durante a occupação hollandeza, quando o Collegio, conta frei Vicente do Salvador, servia aos invasores de loja de mercancias e a sua igreja de enfermaria e adega?

Esta ultima conjectura seria aceitavel se não tivesse a infirmal-a a chronologia. Foi em virtude do decreto de Urbano VIII, prohibindo culto e veneração aos não beatificados ou canonizados pela Sé Apostolica, que as reliquias de José de Anquieta houveram de ser removidas do local onde se acharam naquella

igreja. Esse decreto, pude verificar na bibliotheca do seminario de Santa Thereza, foi promulgado em 13 de março de 1625, e confirmado em 2 de outubro do mesmo anno. Delle não se teria conhecimento aqui antes de decorridos alguns mezes. Ora, a occupação desta cidade pelos hollandezes durou de maio de 1624 até abril de 1625. Logo, se houve occasião de cumprir-se em relação aos despojos de Anchieta o decretado pelo pontifice, como affirma o padre Antonio Franco, segue-se que esses despojos haviam escapado ás violações calvinistas, que a sua transferencia para aquelle «outro logar» foi posterior á restauração da cidade e ao restabelecimento do culto na igreja dos jesuitas e demais templos da Bahia. Em 1626, provavelmente.

Portanto, esta imputação, pelo menos, não deve ser feita aos soldados do coronel van Dorth, a cuja conta se tem lançado muita perda de que talvez só os nossos sejam responsaveis. E' admittido, por exemplo, que o archivo da Camara Municipal, até aquella época, fosse destruido pelos invasores. Mas Varnhagen refere (*Historia das luctas com os hollandezes no Brazil*) ter visto no cartorio da Thesouraria da Bahia, em 1867, em letra já muito apagada, o livro de vereações da Camara, emquanto esta funccionou na Pitanga, fóra da cidade occupada.

Diante destas e outras questões que se levantaram impraticaveis no meu espirito, restava-me, sempre de accordo com o meu illustre committente, vir bater á porta do Instituto Historico.

E' o que hoje faço, deixando sob a guarda desta casa, onde o amor e o zelo do passado não pereceram com o saudoso João Nepomuceno Torres, a corôa votiva com que a directoria do Serviço de Protecção aos Indios cingiu a memoria do grande apostolo do Brazil.

Bahia, setembro de 1913.

Xavier Marques.